



Historicamente, a imprensa sempre foi a responsável direta pela evolução das Artes Gráficas, assimilando e incorporando todas as inovações e invenções dos seus equipamentos e processos, ao longo dos anos, desde Gutemberg.

O noticiário impresso, dependente direto dos processos gráficos, evoluía mais no sentido de proporcionar melhor qualidade gráfica na apresentação dos periódicos e menos, no sentido de imprimir maior velocidade à notícia. Isto ocorria até a implantação da TV, em nosso meio, na década de 50.

Se, por um lado, a velocidade da notícia nos meios de comunicação veio tornar competitivos os espaços publicitários entre os jornais, revistas e a TV, por outro lado, a tecnologia eletrônica vinha proporcionando às Artes Gráficas uma competente e revolucionária competição das novas invenções dos equipamentos e processos gráficos, capazes de atenderem à demanda de rapidez e versatilidade necessárias à evolução dos jornais e revistas.

Na gráfica, os processos artesanais já haviam sido suplantados há tempos pelos processos eletromecânicos.

As linotipos e monotypes, o processo de reprodução por clichê e estêreos, tornaram-se obsoletos e lentos diante da demanda e das perspectivas que se apresentavam à imprensa pressionada que estava, pelo veículo de mídia eletrônica - a TV.

A mudança de sistemas para a imprensa tornou-se irreversível: ou muda ou perece. Vários jornais e revistas pressionados pelas circunstâncias, deixaram de circular definitivamente.

Em São Paulo, os jornais que se transformaram e se inovaram, adotando os novos processos e sistemas, foram: Jornal da Tarde, Folhas de São Paulo e O Estado de São Paulo, só para citar os principais.

Em outras cidades: o jornal "Agora" de São José dos Campos, e o Diário do Grande ABC.

A eletrônica implantou-se definitivamente nas Artes Gráficas e na imprensa, em todos os seus setores, desde a preparação do editorial, composição do texto, fotomecânica, impressão até a distribuição do noticiário impresso.

É mais uma vez a imprensa, na era da eletrônica, que vem encampar todos os novos processos e evolução da gráfica eletrônica nas últimas duas décadas: 60 e 70, e assim resistir ao impacto causado pela velocidade do noticiário, via satélite, invadindo todos os lares, os mais distantes, pela TV.



Todo um complexo de equipamento foi desenvolvido para as várias áreas da Gráfica. Nada adiantaria dar maior rapidez a um único setor isoladamente. O processamento de textos, as fotocompositoras, a fotomecânica, a seleção a cores pelo Scanner, as rotativas Offset impressoras e o controle da distribuição por computadores, tornaram-se processos e sistemas interdependentes para a elaboração de um impresso, jornal ou revista.

Os equipamentos que compõem estes processos, evoluíram quase que concomitantemente para proporcionar uma velocidade contínua em toda a extensão do processo na feitura de um jornal ou revista.

Os computadores foram incorporados às fotocompositoras ao mesmo tempo em que foram ao Scanner, e este em sua terceira geração, dotou-se de raio laser, aperfeiçoando-se nos processos de reprodução a cores.

As impressoras Offset foram aperfeiçoadas no sentido de darem maior velocidade às grandes tiragens com registros eletrônicos permitindo produzirem até 460 mil jornais por hora.

Mas, este volume de impressos afunilava-se na boca da máquina e na distribuição dos jornais.

A solução encontrada, foi acoplar-se na boca de saída contínua da Offset, as dobradeiras automáticas, as intercaladoras de cadernos dos jornais, que funcionam em linha com a rotativa alimentadora de um sistema de expedição, controlado e programado por computadores.

Por todos estes inventos, a eletrônica veio transformar a tipografia tradicional dos jornais em uma "indústria de periódicos", porque possibilitou um processamento contínuo, integrado por sistemas que abrangem toda uma mudança de comportamento desde a transmissão, captação e preparação da matéria editorial, até o controle da distribuição computerizada dos veículos de comunicação impressa.

A rapidez da expansão no campo tecnológico gráfico, nos últimos anos, tem sido tão dinâmico e de tal monta que tem se tornado difícil de ser acompanhado, mesmo por aqueles mais interessados, diretamente, nos novos processos.

Os novos inventos e sistemas, surgiram de ano para ano e vêm surgindo com diferenças até de poucos meses, tornando obsoletos sistemas recém-descobertos.



Das 10 linhas de composição -
- a 1.000 linhas de composição por minuto

As primeiras fotocompositoras passaram da fase experimental à prática do texto computerizado.

As primeiras máquinas partiram de adaptações das componedoras por teclado monotype. Posteriormente, foram constituídas as máquinas eletro-mecânicas, estas logo superadas pelas fotocompositoras dotadas de raio catódico.

O processo evoluiu rapidamente e, em poucos anos, deu o salto para as fotocompositoras computerizadas.

De 1967 a 1973, apresentaram-se ao mercado gráfico, as mais versáteis fotocompositoras: Alphanumeric, Harrys Fototronic, Linotron, Mc-Intosh Linotron, Video Setter Compugrafic, Linotron 305 e as Video Comp 500 e 800, estas, com capacidade de composição de 1.000 linhas minuto.

Os computadores entraram na fotocomposição através da Compugrafic. A Fototronic TXT com 5 discos de tipos que permitem um total de 1.200 caracteres, a Fototronic TXT 4.000, permitindo 1.800 caracteres. Com as descobertas das fotocompositoras, o avanço eletrônico na tecnologia gráfica continua com a introdução de novos sistemas. A Harrys Systems desenvolveu um processamento de alimentação de textos noticiosos, titulagens e classificados preparados localmente ou transmitidos por "cable".

Este sistema de alimentação de editorial se utiliza do potencial das fotocompositoras dotadas de computadores, cujos teclados podem ser impulsionados pelos próprios reporteres e editores das agências telegráficas.

A Harrys 2.500 é receptora de texto proveniente dos serviços telegráficos e das máquinas de escrever com video operadas pelos próprios reporteres. O processo cataloga a matéria e a armazena na memória do computador. A matéria é recuperada para revisões ou nova redação. O texto final é processado pelo computador, agregam-se os códigos dos caracteres tipográficos e volta à memória para posterior edição.

A United Press International opera com dezenas destes terminais que se destinam aos seus diversos circuitos telegráficos.

Por estes novos processos, a velocidade da notícia gera a velocidade da informação que por sua vez gera o esclarecimento das idéias.

As agências noticiosas através de suas transmissões tele impressoras



e por telefotos, suprem os jornais e revistas de noticiário cuja atualidade procura suplantar os filmes de noticiário enlatado exibidos pelos canais de TV.

Por todo esse complexo, a gráfica eletrônica deixou de ser apenas uma evolução dos processos gráficos para tornar-se uma "Indústria do Noticiário Eletrônico Impresso".

Do processamento do texto
ao processamento das cores - eletronicamente.

Os fotolitos foram introduzidos em nosso meio por volta de 1940. As reproduções fotolitografadas deram o golpe final na litografia artesanal, desenhada diretamente sobre as pedras litográficas, que teve seu auge em São Paulo nas décadas de 20 e 30.

Os fotolitos foram iniciados por uma fase intermediária semi-artesanal e por fotoreprodução. Em seguida deu o salto qualitativo com a fotomecânica, até atingir, com a eletrônica, um sistema de processamento da seleção das cores quase que científicos, eliminando toda a interpretação do operador do original reproduzido. O Scanner veio substituir os processos de seleção convencionais executados por máquinas fotográficas e por correção com máscaras de seleção.

Pelo processo convencional, uma seleção a quatro cores demanda de dez a doze horas. Pelo Scanner, a mesma seleção leva apenas dez a vinte minutos. O Scanner tornou-se viável como equipamento de seleção das cores dos originais transparentes (cromos) ou opacos (pintados), a partir da década de 60. Os Scanner's de terceira geração já são dotados de memória e equipados com Laser.

Uma seleção a quatro cores, três primárias e mais o preto, é processada em apenas poucos minutos e atingem uma aproximação de 98% da veracidade colorística do original em tons contínuos.

Este é mais um dos fatores que veio proporcionar aos jornais o enriquecimento de seus suplementos e seções a cores, com a velocidade necessária que acompanha a retina de impressão dos cadernos em preto e branco do jornal normal.

Por outro lado, o enriquecimento pela cor, dos periódicos, veio torná-los competitivos dos editoriais das revistas e, com elas próprias, em termos de informação e atualidade: - os jornais são diários e as revistas semanais, quinzenais ou mensais.



Em conclusão, os jornais antecipam em seus suplementos, matéria editorial que antes era de domínio exclusivo das revistas.

A renovação dos recursos gráficos, veio proporcionar aos departamentos de arte e diagramação, responsáveis pela apresentação gráfica, na paginação dos jornais, maior mobilidade e versatilidade, chegando até a alguma sofisticação no design de paginação que se convertem em estilos próprios a cada jornal.

Por exemplo o Jornal da Tarde, lançado em 1965, veio romper com a paginação tradicional e se renovou na parte editorial e apresentação gráfica.

A Folha de São Paulo rodou sua primeira edição em offset em 1967, início de seu desenvolvimento gráfico.

O Estado de São Paulo renovou-se totalmente em seu parque gráfico, inclusive prédio, em 1976.

Instituto de arte contemporânea



FONTES DE REFERÊNCIA:

- . Enciclopédia Tecnológica - Van Grei - 1970
- . The Penrose Annual - A Review of the Graphic Arts - 1952
- . The Art of the Book - The Studio Publications - 1939/1950
- . El Arte Tipografico - 1976
- . 5ª Semana Tecnológica de Artes Gráficas
 - Perspectivas Futuras das Artes Gráficas - Thomaz Caspary
 - A Seleção Eletrônica "Scanner" - Winard Suffrian
- . Suplemento Folha de São Paulo - outubro/1976
- . Catálogo da Harris Systems
- . Lastrí Artes Gráficas S/A
 - composição tipográfica - manual
 - composição tipográfica - monotype
 - composição tipográfica - fotocomposição